

## Entrevista Duarte Marques

PSD

Santarém

Assuntos Europeus

Legislaturas XII e XIII

Parlamento, 04/01/2018

### **Como é o contacto entre deputados e cidadãos? Quais são os instrumentos utilizados?**

Há muita coisa. Desde redes sociais, cada vez mais assumem um papel importante de contacto que há entre eleitores e eleitos. Eu acho que as redes sociais vieram eliminar uma barreira social que havia entre eleitos e eleitores. Hoje em dia não há desculpas. Por outro lado, também recebemos muitos contactos por e-mail, o correio do cidadão, que as pessoas têm acesso. Mas sobretudo nas visitas que fazemos, nas conferências em que participamos, nas reuniões que temos com autoridades locais, com associações da sociedade civil, que existem em cada concelho, e também diretamente com os eleitores. (...) de cada vez que vamos fora e visitamos uma instituição trazemos mais um problema para resolver. [E] acho que é muito através da própria comunicação social.

### **Quem inicia o contacto, é o deputado ou os cidadãos/grupos de cidadãos?**

De parte a parte. A maioria dos meus contactos se parte das pessoas ou de mim? Eu diria que é meio por meio, porque eu contacto associações, bombeiros, professores, diretores de escola e também recebo a moeda de troca que é quando eles têm problemas lembram-me e chamam-me a atenção ou recordam, acho que funciona bem para os dois lados.

### **O contacto tem aumentado nos últimos anos?**

Eu não tenho dúvidas que os contactos aumentaram muito graças às redes sociais.

### **Houve uma alteração destes contactos com a crise?**

Eu só fui deputado em crise, portanto não sei como era antes. Durante a crise claro que houve muitos problemas e houve mais necessidade de justificar o que estávamos a fazer.

### **Qual é a importância que os deputados atribuem a estes contactos? Em particular, quais são as funções principais destes contactos (exemplo: conhecer problemas locais, preparar iniciativas legislativas, etc.)**

Estes contactos são básicos para a ação política de um deputado. Um deputado não só tem informação sobre problemas ou até sobre soluções, pode procurar, ler, pensar, refletir. Agora, a nossa observação da sociedade permite-nos adquirir muita informação, mas o contacto pessoal com os eleitores é a base de tudo. Podem ser empresas, pessoas que trabalham em empresas, cidadãos reformados, estudantes, médicos, podem ser utilizadores dos serviços públicos, quem não tiver esse contacto não existe. (...) Para a recolha de informação, para sinalar, mas também para apontar soluções é muito importante ouvir pessoas.

### **É frequente apenas nas campanhas ou acontece de forma regular ao longo da legislatura?**

Na campanha eleitoral é diário porque é uma campanha. Ao longo da legislatura, temos um dia reservado só para isso, para o contacto no terreno, mas o contacto diário é permanente, todos os dias recebo e-mails de pessoas, no twitter falam comigo, no facebook, recebo telefonemas. Na campanha eleitoral é intenso porque é só isso, durante o resto do ano felizmente não é assim

porque também temos que preparar coisas, intervenções, é menos intenso, mas é muito mais prolongado no tempo.

### **O contacto é direcionado para as questões do círculo de Santarém?**

Não porque eu faço parte de duas comissões, educação e assuntos europeus, assuntos europeus são problemas do país todo e da Europa. Educação, como eu coordeno a área de ensino superior, acabo por responder tanto às questões do politécnico de Santarém como de Viseu. Não tenho uma agenda específica, não posso ter sequer. É obvio que a proximidade que tenho com a comunidade local permite-me ter informação mais frequente nestes sítios, só que depois os deputados alem das comissões que seguem têm um conjunto de assuntos generalistas que seguem no seu distrito. Por exemplo, no distrito de Santarém sigo saúde e ambiente (...). Não ando preocupado com a poluição do Douro, preocupa-me, mas a minha ação reflete-se sobre a poluição do Tejo. Acabamos por ser generalistas para as questões dos distritos nos temas que nos distritos nos dizem respeito.

### **E a nível individual de contactos com o cidadão?**

É muito mais por distrito sim, claro.

### **Considerando o seu grupo parlamentar e a sua experiência, quais são as associações ou grupos de interesses com que o grupo parlamentar mantém mais relações?**

Acho que com todos, com sindicatos, patronato, com as ordens. O PSD fala mais com sindicatos ou com o patronato? Acho que fala com os dois porque a concertação social tem que falar com os dois. Falamos muito mais com o grupo das universidades, isso é a minha experiencia. Mas diria que [a nível do PSD] sindicatos, confederações e ordens. E as IPSS são um grupo importante com quem temos contacto frequente.

### **Que tipo de modalidades e instrumentos são utilizados para manter estas relações? Com que frequência?**

A maior parte das vezes é a pedido deles. O PSD também faz contacto com esses grupos quando quer legislar num determinado sentido é importante ouvir algumas opiniões.

### **Mas além de reuniões no Parlamento, há visitas...**

As duas coisas, sempre que há uma visita acaba por haver aí um contacto e ouve-se as pessoas, quando o PSD quer ouvir alguém convida a vir cá. E por outro lado esses grupos de interesse sempre que querem ser ouvidos no Parlamento acabam por pedir uma reunião individual com cada grupo parlamentar, é a forma disso acontecer. Às vezes também acontece no partido.

### **Além do parlamento, há convites para participar em reuniões com o partido, conferências conjuntas...?**

Não, conjuntas não há, há é quando o partido faz alguma conferência convida essas entidades e também convida essas entidades para reuniões.

Basta seguir o PSD no facebook para ver que de vez em quando o partido recebe a CGTP, a UGT. Há uma grande diferença entre nós e alguns partidos, é que nós ouvimos todos. O PCP não reúne com a UGT normalmente.

### **E quais são os meios de contacto mais utilizados entre partidos e grupos? O contacto é mais formal, informal, por telefone, SMS...**

Acho que tenho que dizer que é tudo. Há casos em que basta um telefonema, há casos em que há um convite, depende dos casos.

**Dependo do grupo de interesse em questão?**

Essas associações quando pedem, pedem por carta, o PSD quando pede, pede por carta. Mas por vezes há contactos informais que dizem: ok vem reunir, vamos falar, isso é mais informal.

**Como é feita a elaboração das listas eleitorais? Que critérios (formais e informais) são usados pelo partido para escolher os candidatos?**

Os partidos escolhem vários critérios: vinculação à ideologia e programa do partido, 2º capacidade técnica e política, 3º nível de notoriedade da pessoa no distrito em que é eleito.

**O desempenho do deputado na legislatura anterior é um dos critérios tidos em conta na seleção dos candidatos?**

Eu acho que isso é chave. Um deputado que prestou um bom trabalho é normal que o partido [o] escolha.

**Essa avaliação é feita de um ponto de vista mais quantitativo ou baseia-se noutros fatores?**

Acho que uma avaliação nunca é estanque. Sabem quem é mais e menos popular, conhecem o trabalho, no final de mandato faz-se um relatório do que cada um fez. Claro que pode acontecer um deputado que é muito fraco, que não fez nada, continuar na lista e outro que fez muito não continuar, mas aí há circunstâncias que se alteram, que se mudam, tem a ver com a própria dinâmica interna dos partidos, de vez em quando cometem-se injustiças é verdade. Já aconteceram, conheço várias. Mas, à partida, um deputado que é um bom deputado, que é trabalhador e teve visibilidade, porque isso é importante para ter votos, se juntar esses três critérios: qualidade, empenho e visibilidade mais facilmente poderá ser reeleito se o quiser ser.

**Mas é feita uma avaliação da produção parlamentar de um ponto de vista mais quantitativo?**

Acho que não é da quantidade, é da qualidade. Nós podemos trabalhar a meta, posso fazer muitas perguntas escritas e aquilo não valer nada e nas estatísticas vale muito. Acho que é mais a qualidade do que a quantidade.

**Portanto produzir muito não é um critério para os deputados?**

Não acho que não é. Há gente que pensa assim, mas eu prefiro ter um projeto de lei que é aprovado ou uma pergunta que faz a diferença. Por exemplo, fiz uma pergunta em novembro sobre os bombeiros que ainda não tinham sido pagos, os bombeiros receberam ontem, eu recebi a resposta hoje. Eles foram pagar para poderem responder-me. Resolvi se calhar a vida de muita gente. Isto é uma pergunta, vale tanto como uma de treta, [mas] o resultado é que conta.

**Como é definida a distribuição dos deputados pelas comissões parlamentares? Quais são os critérios? Os deputados escolhem as comissões da sua preferência?**

Tem a ver com a formação e conhecimento de cada um. Um misto disto com o interesse da região. É uma escolha do grupo parlamentar com os deputados.

**É tida em conta a preferência dos deputados?**

É claro, mas pode acontecer não haver ninguém que perceba de um determinado assunto e alguém vai ter que se especializar naquilo porque não há ninguém. Comissão de saúde, se não houver ninguém daquela área temos que arranjar alguém que estude, que se empenhe, que se prepare. Mas à partida tem muito a ver com a formação a experiência e o interesse.

**Dos instrumentos disponíveis (perguntas escritas ao Governo, projetos de lei, debates quinzenais, comissões...) qual o mais eficaz e o mais utilizado para influenciar a agenda política?**

Os debates quinzenais são os mais eficazes. E os projetos de lei.

**Também para influencia a agenda mediática?**

Claro, uma coisa está também relacionada com a outra.

**E a nível individual?**

A forma mais fácil de um deputado marcar individualmente é através de perguntas escritas porque é a única que faz individualmente. É muito importante.

**Portanto o conteúdo das perguntas é decidido pelo deputado a nível individual?**

É, é. O problema é o que este governo não responde. (...) por exemplo, uma pergunta escrita compromete o governo a dar uma resposta por escrito. Já apanhei o ministro da educação a mentir em algumas coisas que ele prefere não me responder por escrito porque tem que confessar a mentira então ignora e não responde. O ministro da educação tem 1000 e tal perguntas para responder, só nossas, do PSD, são 1100. Eu tenho 35.

**Portanto aqui os deputados têm muita autonomia?**

Autonomia e poder.

**Ou seja, o conteúdo das perguntas é decidido pelo grupo parlamentar/partido ou pelo deputado a nível individual?**

Individualmente.

**O tema é articulado com as propostas do programa eleitoral ou depende mais do momento político?**

Tem mais a ver sobretudo com a ação do governo, na minha opinião. As perguntas servem para ter explicações. Às vezes podemos usar as perguntas para fazer sugestões.

**O programa eleitoral é de alguma forma uma orientação para as perguntas?**

É importante para definirmos a nossa posição em função de cada proposta do governo. O programa eleitoral é uma espécie de guia e de responsabilização nossa para as propostas. O partido foi eleito com base num programa eleitoral. É a esse programa que os deputados se devem vincular. O problema é no dia a dia surgem questões que nós tomamos a decisão de fazer projetos de lei ou de resolução ou perguntas como base naquilo que experienciamos.

**Recebem contributos da sociedade civil?**

Sim, muitos.

**Os contactos que falámos inicialmente traduzem-se em perguntas ao governo frequentemente?**

Sim. É o mínimo que podemos fazer.

**Qual é a lógica das perguntas assinadas por vários deputados? Quem é o responsável nestes casos? O primeiro signatário tem um papel específico?**

Depende. A praxe é que o líder parlamentar assine as perguntas ou as propostas que nós fazemos. Mas também depende do que é que cada um faz a gestão dos seus deputados. Os projetos de lei são assinados pelos vice-presidentes e pelos deputados de cada comissão. Quando o presidente do grupo parlamentar também assina é para dar uma força maior aquela iniciativa.

Normalmente se faço uma pergunta sobre educação pergunto aos meus colegas da educação se querem assinar e vice-versa. Porque há problemas semelhantes. Depende de cada comissão e do distrito.

**E nesse caso é o primeiro a assinar?**

Sim, sou eu que proponho, portanto, sim

**Os novos deputados têm maiores dificuldades em promover perguntas?**

Não. Podem é ter menos tempo de palavra, mas isso é outra coisa.

**E o tamanho do partido ou o facto de estar no governo ou oposição tem influência no número de perguntas?** Como se explica as diferenças no número de perguntas efectuadas (governo/oposição; partidos menores vs grandes...)

Imenso. Os partidos apesar de terem diferentes composições têm todos o mesmo tempo de palavra. Isso quer dizer que um deputado do bloco de esquerda fala mais vezes do que um deputado do PSD.

[E] claro que quando estamos no governo o nosso papel principal é apoiar as medidas do governo, quem disser o contrário está a mentir, estamos lá para defender aquele projeto. E também de alguma forma para escrutinar, vendo se estão a cumprir. É obvio que ser um partido grande ou pequeno também faz muita diferença pelas oportunidades que temos, mas no caso de estar no governo ou oposição é completamente diferente. Até porque quem está no governo tem acesso a mais informação

**Um deputado de num partido que está no governo faz menos perguntas?**

Sim.

**E um deputado num partido mais pequeno tem maior incentivo para fazer mais perguntas?**

Não acho que não. Depende muito da pessoa.

**No caso do PSD depende de cada deputado?**

No que diz respeito as perguntas sim.

**Como funciona a preparação dos debates quinzenais com o Primeiro Ministro? Há uma discussão interna no partido sobre o conteúdo das perguntas a colocar?**

São preparados pela liderança do grupo com apoio dos deputados e assessores da área que for opção para aquele debate quinzenal.